

Lijó

LIJÓ, orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, era uma vigararia da apresentação do arcediogo de Santa Cristina.

Lijó parece vir de *lageolus* diminutivo de *lagea*.

O P.^e António G. Pereira nas «Tradições Popuíaes» diz que «esta freguesia é quase toda plana e formada em grande parte de pinheirais. A pedra que se encontra nas paredes das bouças e dos campos, e também em algumas casas, é duma qualidade um pouco esbranquiçada e mole, dessa que sai sem trabalho das pedreiras por estar já fraccionada em *piquenas lages* a que os antigos chamavam *lageolus*».

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancta Maria de Ligioo» de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não é padroeiro e mais «quod habet Rex in Raido quoddam Regalengum, et dant terciam, et l caponem, 10 ovas, 6 denarios» que «in Eiquiam habitant quatuor herdatores, et pectabant vocem et calumpniam; et quando posuerunt renda in terra posuerunt super illos 3 morabitos, et modo non dant per quod sunt homines de domna Stephania, de fogacia. Et omnes vadunt ad castellum».

Que esta igreja tem sesmarias e a *quintam* de um casal; Banho, 10 casais e meio; Hospital, tem aqui uma herdade de que dão cinco *taleigas* (1) pela medida de Barcelos, 1 capão 10 ovos; São Pedro de Calvelo, 1 casal e a terça parte, e Tibães, 1 casal.

Nas Inquirições de 1258 diz-se: *In parrochia Sante Marte de Ligioo, in Judicato de Nevia*, Item, t que el Rey non est padrom desta ecclesia».

Fala-se nestas Inquirições em Paredes, Campo Figueira, Rayndo, Enquiam e Traz o Rio.

« Et in ista parrochia intra o Mayordomo a 4 caomias, ergo que non intra in Enquiam. Et vam a fazer o Castello».

A Igreja *Paroquial*, por ser pequena e insuficiente às necessidades do culto, foi demolida e no mesmo sítio edificado em 1918 o novo templo, amplo e espaçoso.

Na sua frontaria alta e bem proporcionada, ainda que sem os arrebiques da architectura, vê-se em uma pedra por cima da porta principal a inscrição: Construído por subscrição paroquial em 1918.

Ao lado direito, a facear com a fachada, eleva-se a torre para os sinos, seguindo-se-lhe as sacristias: a Paroquial e as da Confraria.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque com altar em estilo moderno.

O corpo da igreja é forrado a madeira, vendo-se ao centro um quadro alusivo ao Sacramento. Tem em bela

(1) *Taleiga, taliga, thaliga ou teiga era uma medida antiga variável de território para território.*

«*Porém não sendo a teigula ou teiga dos antigos uma medida certa e geral, senão para um particular território, celleiro ou senhorio; daqui nascia haver teigas de quatro alqueires, de três, de dous e ordinariamente de um só alqueire*».

St.^a Rosa de Viterbo — Eluc. — ool. II, pág. 226, v. Taliga.

disposição quatro altares laterais modernos, coro, púlpito e pia baptismal em granito, antiga, tendo sido *aperfeçoada* com cimento, há poucos anos.

Em frente à igreja, ao fundo de um pequeno largo, está o *Cemitério Paroquial*, que tem sobre o seu portão a data 1887.

Este cemitério é precedido de um pequeno e bem cuidado jardim todo florido que alegra o lugar.

Ao lado direito da igreja, junto à capela-mor, separada desta apenas pelo adro, ergue-se o *Presbitério*, reconstruído há dois anos e transformado em uma linda e confortável vivenda.

O *Cruzeiro Paroquial* foi colocado em um pequeno largo ao lado esquerdo da igreja, junto à estrada. É antigo, simples e modesto, sem data nem inscrição.

No mesmo lugar da igreja, mas mais ao norte e do mesmo lado da estrada, vê-se uma cruz de pedra com a seguinte inscrição: PELAS ALMAS DO PVRGATORIO P. A. V. M.^a 1721.

Esta cruz pertencia ao Calvário que havia no adro da igreja, do qual ainda existem algumas cruzes, e que para aqui foi trazida há poucos anos.

Há ainda os seguintes cruzeiros: um numa bouça em frente à Capela de Santa Ana da casa da Retorta.

É um belo exemplar de estilo D. João V, tendo na base (em cada face um algarismo) a data «1765».

Há outro cruzeiro nas Pontelhas, muito antigo, com inscrição indecifrável.

Há ainda o cruzeiro da Capela de S. Sebastião e o da Capela de S. Miguel.

Existem nesta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de Santa Ana*, junto da casa da Retorta, é em estilo D. João V, estando a sua fachada a facear com o portão daquela casa no mesmo estilo.

Ao lado esquerdo da capela está a sacristia, encimando a sua parede lateral uma sineira com seu sino.

Dentro, é forrada a madeira pintada e lajeada com sepulturas em pedra, tem altar com tribuna antiga, portas, pias de água benta em forma de concha, tudo em estilo D. João V.

É um encanto de arte; pena é que esteja tão abandonada. Pertence ao Snr. José Duarte Senra.

A Capela de Santa Cruz, no lugar do Ribeiro, foi fundada na época em que se queria ver, em quase todas as freguesias deste concelho, cruzes desenhadas no solo.

Assim aparecem-nos por aí as capelinhas de Santa Cruz, erigidas sobre essas cruzes formadas de terra de cor diferente da do solo onde elas se desenhavam.

Contemos a história do aparecimento da *Cruzinha* em Lijó.

Em um domingo, 11 de Junho de 1843, fez-se nesta freguesia um *cerco* ou procissão de São Sebastião. Ao tempo que a procissão passava junto à capela do santo, tendo ficado atrás Constantino de Faria, Manuel Barbosa e Manuel Barbosa (?) todos desta freguesia, viram desenhada no chão uma cruz.

No domingo seguinte alguns paroquianos cercaram o lugar onde apareceu esta cruz com uma vedação qualquer, por causa dos animais, e passados 15 dias constituiu-se uma comissão, mandando fazer esta uma capela de taboado, na qual puseram um quadro com Cristo crucificado sob a invocação de *Senhor da Piedade*.

Mais tarde construiu o templozinho que vemos.

A Capela de São Sebastião da Carreira é pequena e antiga, tendo à frente da sua pequena porta principal um alpendre ou galilé, hoje derrubado, do qual apenas se vêem os vestígios.

Dentro, é forrada a madeira com altar moderno.

A *Capela de São Miguel*, em Paredes, é pequena e muito antiga com um só altar.

Esta freguesia, situada em planície no vale do Tamel, é atravessada pelo ribeiro do Porto, que nasce na freguesia de São Pedro de Alvito e vai desaguar ao rio Ponteio ou Tamel, afluente do Cávado, e é servida pela estrada municipal que da também estrada municipal n.º 28 de Barcelos a Ponte do Lima pela ponte de Anhel vai ligar com a que da mesma cidade vai àquela vila por Balugães no alto das Portelas, em S. Fins do Tamel, e ainda por um travesso, ou antes caminho concertado por onde podem passar carros, que do lugar do Mosqueiro e daquela estrada n.º 28 vem até à igreja.

Existem nesta freguesia duas pontes: a de Lombão, que dá serventia àquela estrada, e a das Pontelhas, que dá serventia àquele travesso de estrada.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Ramos, a de Raindo, a do Mosqueiro, a de Terrais, a de Paredes, a de Gondomar e a da Senra.

No lugar do Mosqueiro, virada à antiga estrada real de Barcelos a Ponte do Lima e de costas para a n.º 28, existe um elegante e antigo fontenário, tendo ao centro um *nicho* de alminhas e por baixo uma bica de água que cai em um taça de pedra. Ao lado desse fontenário existe uma grande pia e ao lado uma argola de ferro onde prendiam os animais quando bebiam.

Em frente desse nicho havia um alpendre suspenso em duas colunas, do qual apenas se vêem os vestígios e restos das colunas quebradas.

Ladeam o nicho duas pedras, cada uma com sua inscrição. Na do lado esquerdo lê-se: PROCVNCTIS
ORANDO ANIMABVS SISTE VIATOR OH CAMINHAN-
TE BEBE DESTA AGOA E ATTENDE A MAGOA DO

NOSSO ARDOR —ANNO —e na do lado direito: EXQVES
PROBA LYMPHA QVAE PLACET IPSE BIBE SOCCORRE
AS ALMAS DO PVRGATORIO QVE HE MERITÓRIO O
TEV FAVOR—1784—.

Nesta freguesia há a Fonte de Ramos ou *Fonte do Leite*, onde nascem águas miraculosas para as mulheres que não têm leite para amamentar as crianças.

Vem aqui mulheres de bem longe, crentes na eficácia daquelas águas e com fé bebem delas, obtendo os melhores resultados.

No lugar do Mosqueiro nascem as bem conhecidas águas sulfurosas, em tudo iguais às do Eirogo em St.^a Maria de Galegos, a que dão o nome de *Caldas de Lijó*.

Foram muito frequentadas estas Caldas no século xix e ainda princípios deste, encontrando-se hoje, porém, em completo abandono.

O antigo Estabelecimento Termal está quase em ruínas.

Na frente tem de um lado da porta principal, que actualmente serve de porta de entrada de um estabelecimento comercial, uma pedra em que por entre um ramo de loureiro se lê-ANNO-e do outro lado noutra-1898-.

Aquele modesto edifício termal não causa desolação ao viandante em o contemplar, pois tão descurado está, com a sua venda à frente, que com certeza não descobre o fim para que foi construído.

Esta freguesia confronta pelo norte com a do Salvador do Campo, pelo nascente com a de Roriz e a de Santa Maria de Galegos, pelo sul com a de Arcozelo e a de S. João de Vila Boa e pelo poente com a da Silva e a de Carapeços.

A sua população no século XVI era de 48 moradores; no século XVII era de 95 vizinhos; no Século XVIII era de 173 fogos; no século XIX era de 697 habitantes

e actualmente é de 912 habitantes, sendo 386 varões e 526 fêmeas, sabendo ler 179 homens e 52 mulheres, havendo 681 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Paço, Paredes, Madorno, Lombão, Pulgas, Retorta, Cruz, Ribeira, Outeiro, Raindo, Peitai, Rego, Mouta, Inquião, Mosqueiro, Monte, Quingosta e Casas.

As suas casas mais importantes são: a do Paço (brasonada), a do Paço (a do Costa), a do Rego (brasonada), a do Morgado de Alijo (brasonada), a da Retorta, a dos Felgueiras, a do Senra em Paredes, a do Capitão e a do Fidalgo.

Tem 4 lojas de comércio, 2 Caixas do Correio e Escola Oficial que funciona em edifício próprio.

A Casa da Escola junto ao adro da igreja paroquial, tem na sua fachada a seguinte inscrição = EDIFÍCIO ADQUIRIDO SOB O GOVERNO DA DITADURA ANO 1930.

Existem vários engenhos de serrar madeira, moinhos de moer cereais e há a indústria típica de fazer cabos para instrumentos agrícolas que se vendem em Barcelos.

Foi Morgado de Alijo, nesta freguesia, *Estevão Bernardino da Costa Brandão*, Corregedor da Ilha da Madeira, Cav. da Ordem de Cristo, casado com D. Vitória da Cunha Alpoim da Silva.

Domingos Barbosa Duarte, Cav. da Ordem de Cristo, foi senhor da Casa do Paço, nesta freguesia, que lhe veio por Duartes, e na quinta das Torres em Castelo do Neiva (Viana do Castelo), instituiu o Morgado do Castelo do Neiva; foi casado com D. Maria Teresa Lobo da Cunha Jacome Correia, sucedendo-lhe na sua casa seu filho Domingos Barbosa da Cunha Lobo Soto-Maior, Major de Milícias em Barcelos.